

Gestão social: um debate para a construção do campo

SOCIAL MANAGEMENT: A DEBATE FOR THE CONSTRUCTION OF THE FIELD

Airton Cardoso Cançado¹

Resumo

Este texto tem o objetivo de dar continuidade ao debate entre os profs. Airton Cardoso Cançado e Edgilson Tavares de Araújo, iniciada em ocasião do XII Colóquio Internacional sobre Poder Local, realizado pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (Ciags/EAUFBA) em dezembro de 2012. A discussão se centra nas teses destes dois professores, a primeira defendidas em 2011 no âmbito do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras e segunda defendida em 2012 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade de São Paulo. A resenha apresentam os resumos das teses e posteriormente os pontos para o debate que foi iniciado e que continua neste aqui neste espaço. São eles: o atual estado da arte da Gestão Social e a questão do paradigma; a Gestão Social como campo do conhecimento; a institucionalização da Gestão Social; e as relações de endogenia, autorreferencialidade e autocitações presentes na gestão social.

Palavras-chave: gestão social, formação em gestão social, campo

Abstract

This review aims to continue the debate between the profs. Airton Cardoso Cançado and Edgilson Tavares de Araújo, initiated during the XII International Conference on Local Government, conducted by the Center for Interdisciplinary Social Development and Management. School of the Federal University of Bahia (Ciags / EAUFBA) in December 2012. The discussion focuses on the theories of these two professors. The first, Aiton Cançado, presented his thesis in 2011 at the Postgraduate Programme in Management at the University of Lavras. The second of them, Edgilson Tavares, presented his thesis in 2012 at the Post-Graduation in Social Work at the Pontifical University of São Paulo. The present review the abstracts of theses and then points to the discussion that was started and continues here in this space. They are: the current state of

¹ Pós-doutorando em Administração EBAPE/FGV, Doutor em Administração (UFLA), Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e do Curso de Administração da UFT, membro do Programa de Estudos em Gestão Social (PEGS/EBAPE/FGV), membro da Rede Brasileira de Pesquisadores em Gestão Social - RGS. E-mail: airtoncardoso@yahoo.com.br

the art and the question of social management paradigm; Social Management as a field of knowledge, the institutionalization of social management, and the relationship of endogenous, self-referentiality and self-citations present in social management.

Keywords: social management, education on social management; field

RESENHA

Introdução

Em dezembro de 2012 foi realizado o XII Colóquio Internacional sobre Poder Local pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia (Ciags / Ufba). Neste evento, o “Eixo 4 – Gestão Social: contribuições para a construção do campo”, dentro qual foi organizado um painel para apresentação de duas teses de doutorado recém defendidas.

Ambas são teses que se inserem no arcabouço das discussões dos aspectos epistemológicos da Gestão Social. Uma foi defendida em 11 de novembro de 2011 no âmbito do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras por Airton Cardoso Cançado (atualmente professor da Universidade Federal do Tocantins - UFT), sob o título “Fundamentos teóricos da gestão social”. A outra foi defendida em 27 de junho de 2012 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por Edgilson Tavares Araújo (atualmente professor da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB), cujo título é “(In)consistências da gestão social e seus processos de formação: um campo em construção”. A apresentação das teses foi mediada pela profa. Paula Chies Schommer e, ao final houve um debate acerca dos resultados dos dois trabalhos.

Estabelecido este preâmbulo, cumpre-se destacar que este texto tem o objetivo de dar continuidade - de forma sistematizada – e aprofundar questões chaves expostas na discussão iniciada naquele evento. Desta forma, este texto não é uma réplica ou algo equivalente, o propósito aqui é ampliar a discussão já realizada e ainda, possibilitar novas contribuições. Não é – absolutamente - necessária a leitura prévia das duas teses para compreender a essência das ideias deste texto, uma vez que diversos trechos destas teses estão sintetizados ao longo da argumentação. Todavia, os apontamentos aqui presentes podem ser mais bem aproveitados com uma leitura complementar das duas teses.

Os pontos para o debate realizado neste texto são: atual estado da arte da Gestão Social e a questão do paradigma; Gestão Social como campo do conhecimento; Institucionalização da Gestão Social; e endogenia, autorreferencialidade e autocitações.

Este trabalho está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na próxima seção é apresentada uma síntese da tese de Cançado (2011). Em seguida, é exposto um resumo das ideias formuladas na tese de Araújo (2012). Posteriormente, realiza-se o debate sobre os pontos propostos. Encerra-se o texto com as contribuições e recomendações para uma agenda de pesquisa.

Fundamentos Teóricos da Gestão Social

A tese “Fundamentos teóricos da gestão social” foi defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras. À época, a linha de pesquisa era “Gestão social, ambiente e desenvolvimento”.

Esta tese parte do pressuposto que a “[...] Gestão Social constitui um campo de conhecimento científico com fundamentos teóricos específicos. Defende-se que, apesar de ser um campo ainda em desenvolvimento, a Gestão Social já apresenta avanços em relação à construção destes fundamentos” (CANÇADO, 2011, p.19).

O seu objetivo geral é “[...] apresentar uma primeira aproximação de construção dos fundamentos teóricos da Gestão Social e de uma primeira delimitação dessa área enquanto campo do conhecimento científico” (CANÇADO, 2011, p.19). Os objetivos específicos foram:

[...] 1) identificar e analisar a produção acadêmica em Gestão Social; 2) identificar e analisar as correntes de pensamento em Gestão Social e as categorias teóricas que a sustentam como área do conhecimento científico; 3) demarcar o campo científico da Gestão Social com base em critérios teóricos e de cientificidade (CANÇADO, 2011, p.19).

A justificativa tem os seguintes argumentos: o perigo de vulgarização do termo “Gestão Social”; e o interesse da academia e da sociedade pela temática. Os dois argumentos caminham em paralelo, pois ao se interessar pela temática, tanto a academia, quanto a sociedade empregam o termo com diversos significados. Na tese são apresentados diversos sentidos atribuídos à terminologia Gestão Social, o argumento é que esta polissemia pode esvaziar de conteúdo o significado deste termo justamente pelo excesso de significações que lhe são atribuídas.

O referencial teórico começa com a construção de um quadro de análise que estabelece “critérios de demarcação” entre ciência e senso comum, no intuito de analisar se a Gestão Social pode ser compreendida como ciência. São apresentadas as propostas de critério de demarcação de Popper (2007), Kuhn (1978), Lakatos (1999), Feyerabend (2007) e Chalmers (1993; 1994), que partem das ciências naturais, particularmente da física, para definir o que é ciência. Em complementação, foi efetuada uma revisão dos trabalhos de Santos (2003) e Demo (2007) que partem das ciências sociais para apresentar seus critérios de demarcação. Estes autores foram escolhidos porque têm claros critérios de demarcação e se organizam em um grande debate sobre o tema. No texto, pode-se perceber que eles estabelecem um debate, por vezes criticando o posicionamento de outro(s) autore(s) e por vezes reforçando-o.

Para cada um destes autores, com seus respectivos critérios de demarcação, foi elaborado um quadro sintético com três categorias: critério de demarcação, características da ciência e hipóteses *ad hoc*. O critério de demarcação é aquele que separa a ciência de outras formas de conhecimento, principalmente do senso comum; as características da ciência apresentam a visão de cada um dos autores em relação à estrutura interna do conhecimento científico; as hipóteses *ad hoc* são alterações na teoria no intuito de responder a alguma observação que as contraria (mais usadas pelos autores que partem das ciências naturais). A organização nestas três categorias tem dois propósitos, o

primeiro é poder compará-las e o segundo é construir parte da resposta ao objetivo geral do estudo, ou seja, verificar se a Gestão Social pode ser considerada como ciência em cada uma destas perspectivas.

O Capítulo 2 desta tese apresenta os paradigmas das ciências sociais, baseando-se nos trabalhos de Burrell e Morgan (1979) e Jones (1993). Nesta perspectiva a Gestão Social estaria mais próxima do paradigma do Humanismo Radical.

Na seção seguinte, o Capítulo 3, apresenta-se a discussão sobre a Gestão Social em si, considerando os principais autores da área no Brasil².

Em síntese, tem-se uma primeira aproximação da delimitação do campo: a Gestão Social é a tomada de decisão coletiva, sem coerção, baseada na inteligibilidade da linguagem, na dialogicidade e entendimento esclarecido como processo, na transparência como pressuposto e na emancipação enquanto fim último (CANÇADO, 2011, p.99).

No entanto,

Cabe ressaltar que as características discutidas acima podem ser consideradas como um **tipo ideal weberiano**, pois as relações de poder, desigualdades sociais e culturais podem facilmente levar a crer que estas características são impossíveis de se verificar de forma plena na prática. O próprio processo de Gestão Social, por meio da sua potencialidade iminente de emancipação, tende a aumentar as possibilidades destas características se apresentarem. Em outras palavras, a Gestão Social, enquanto prática, norteadas por estas características, ao ampliar as possibilidades de emancipação, tende a reforçá-las (CANÇADO, 2011, p.99-100, grifos nossos).

A metodologia desta tese a apresenta como um trabalho eminentemente teórico, porém, foram consultados diversos textos com caráter empírico. Foi realizada uma busca em três tipos de trabalhos: artigos em periódicos, artigos em eventos e teses e dissertações, usando a expressão “Gestão Social”. As buscas em periódicos começaram pelo Portal SCIELO – www.scielo.org, para se ter uma visão geral e depois em periódicos da área de Administração e em eventos, com destaque para o Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS). As teses e dissertações foram buscadas no Banco de Teses da Capes³. Os resultados estão no Quadro 1.

Tipo/Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Artigos em Eventos	1	0	0	3	11	7	5	14	16	17	18	38	130
Artigos em Periódicos	1	0	3	1	1	1	6	7	8	7	7	13	55
Teses/Dissertações		0	0	0	1	5	6	2	5	11	10		40

² Entre eles: Boullosa, Carrion, Fischer, França Filho, Schommer, Tenório, dentre outros.

³ Mais detalhes sobre a metodologia na tese: Cançado (2011).

Total (por ano)	2	0	3	4	13	13	17	23	29	35	35	51	225
Total (acumulado)	2	2	5	9	22	35	52	75	104	139	174	225	

Quadro 1 – Síntese da quantidade de trabalhos sobre gestão identificados na pesquisa divididos por tipo (Tese/Dissertação, Periódicos e Eventos) por ano, de 1999 a 2010.

Obs.: nos anos 1999 e 2010 não foram pesquisadas teses e dissertações.

Fonte: Adaptado de Cançado (2011, p.147)

Para análise destes trabalhos foi utilizado o método da Análise de Conteúdo, baseado em Bardin (2009), Richardson (2007) e Vergara (2005). Foram estabelecidas Categorias para Análise de Conteúdo: Gestão Social (GS), Gestão Emancipatória (GE), Gestão Participativa (GP), Gestão do Desenvolvimento Social (GDS) e Gestão de Organizações Sem Fins Lucrativos (GOSFL), Gestão da Responsabilidade Social Empresarial (GRSE), Formação em Gestão Social (FGS) e Outras Formas de Gestão Relacionadas (OFGR).

Categoria	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total	%
GS	0	0	0	0	2	0	1	2	5	1	3	3	17	7,6
GE	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	1	10	4,4
GP	1	0	0	1	0	1	3	7	4	8	12	23	60	26,7
GDS	1	0	0	0	3	2	3	2	3	7	4	6	31	13,8
GOSFL	0	0	0	3	4	7	2	4	4	9	7	9	49	21,8
GRSE	0	0	1	0	1	2	7	5	5	4	1	4	30	13,3
FGS	0	0	1	0	0	0	0	2	3	3	1	3	13	5,8
OFGR	0	0	1	0	3	1	1	0	3	2	2	2	15	6,7
Total	2	0	3	4	13	13	17	23	29	35	35	51	225	

Quadro 2 – Síntese geral da frequência das Categorias para Análise de Conteúdo distribuídas de 1999 a 2010.

Fonte: Cançado (2011, p.159).

Pelo Quadro 2, pode-se dizer que a tendência central da utilização do termo Gestão Social está relacionada às características das Categorias para Análise de Conteúdo GP e GOSFL, nesta ordem. Porém, outras interpretações do termo começam a se destacar como a GDS e mais recentemente a GE, enquanto a GRSE apresenta uma continuidade marginal (no sentido da quantidade de publicações), mas com frequência constante. Paralelamente, vem sendo ampliados os estudos sobre os cursos de Gestão Social e redes de

pesquisadores na área, como nos apresenta a categoria FGS. Depois de elaborada a tese houve muitos outros trabalhos sobre o tema.

Na continuação da análise foram identificadas 11 Categorias Teóricas. Elas foram organizadas de acordo com sua inter-relação da seguinte forma:

1) Interesse Bem Compreendido, ponto de partida da Gestão Social que abriga outra duas categorias complementares, quais sejam, a solidariedade e a sustentabilidade; 2) Esfera Pública será tratada como uma categoria intermediária do processo de Gestão Social, pois constitui o *locus* e condição essencial de seu desenvolvimento. Além disso, essa categoria abriga outras complementares: Comunidades de Prática, Democracia Deliberativa, Dialogicidade, Interorganizações, Intersubjetividade e Racionalidade; 3) Emancipação, por fim, é o ponto de chegada e de retroalimentação da Gestão Social. Portanto, consideramos que a Gestão Social como processo se fundamenta teoricamente em três grandes categorias que se articulam em uma sequência ascendente, qual seja: interesse público; esfera pública; e emancipação social (CANÇADO, 2011, p.163-164).

A partir desta identificação, cada uma das Categorias Teóricas para a Gestão Social foi discutida detidamente. Neste processo foram utilizados diversos autores nacionais e internacionais de forma a construir cada Categoria Teórica. Ao final apresenta-se uma primeira aproximação teórica para a Gestão Social.

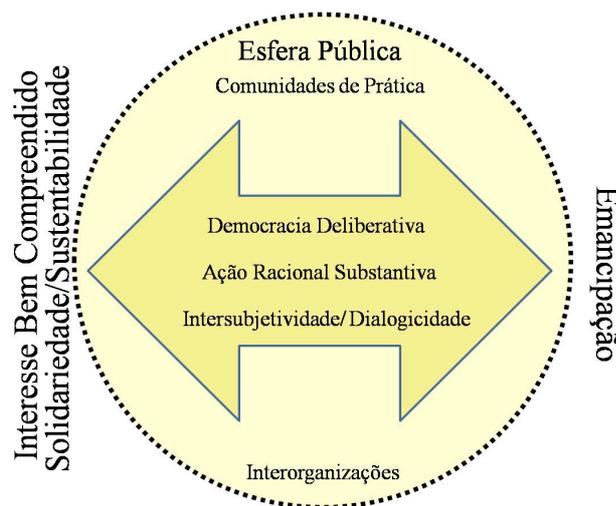


Figura 1 – Proposta inicial de uma aproximação teórica para a Gestão Social, baseado em Categorias Teóricas da Gestão Social e suas interações.

Fonte: Cançado (2011, p.189).

Uma característica marcante desta aproximação teórica é a perspectiva da dialética negativa adorniana (sem pretensão de síntese), representada pela seta amarela em dois sentidos, passando pela esfera pública. A partir daí pode-se avançar um pouco nesta perspectiva teórica nos seguintes termos:

a Gestão Social parte do interesse público bem compreendido, em um contexto de solidariedade e sustentabilidade, acontecendo na esfera pública, com uma dinâmica de comunidades de prática, em que a tomada de decisão coletiva ocorre por meio da democracia deliberativa sem coerção, norteadas pela ação racional substantiva permeada por dialogicidade e intersubjetividade, considerando as possibilidades das interorganizações, fundada na dialogicidade e intersubjetividade do processo visando à emancipação como

fim último. Esta delimitação foi apresentada na perspectiva da dialética negativa (CANÇADO, 2011, p.205).

Ao apresentar esta primeira aproximação teórica, são apresentadas algumas considerações: “não se pretende, de forma alguma, engessar o campo nem adotar uma postura prescritiva” (CANÇADO, 2011, p.188); “esta proposta tem um caráter inicial e gostaria de se dizer que é uma ‘delimitação feita a lápis’, no sentido de ser o início de um debate que pode redesenhá-la, à medida que avançarem as discussões, quantas vezes forem necessárias” (CANÇADO, 2011, p.189); e “classifica-se, assim, a presente proposta como uma proposta inicial que tem o intuito de fornecer uma contribuição para a construção dos fundamentos teóricos da Gestão Social, mas que não tem pretensão de síntese (dialética negativa)” (CANÇADO, 2011, p.190). E ainda ao final da tese: “e reitero que este trabalho é uma contribuição inicial, baseado no esforço de uma coletividade que vem construindo a Gestão Social” (CANÇADO, 2011, p.206).

Posteriormente a aproximação teórica para a Gestão Social é analisada sob a lente dos critérios de demarcação.

Quadro 3 – Síntese dos Resultados Relativos aos Critérios de Demarcação e à Proposta de Delimitação do Campo da Gestão Social.

Autores	Critério de Demarcação	Resultado	Comentários
Popper (2007)	Falseabilidade	Sim	A proposta de delimitação do campo da Gestão Social é falsificável.
Kuhn (1978)	Aquisição do 1º paradigma	Não	A Gestão Social ainda é um campo pré-paradigmático e esta proposta de delimitação tem o objetivo de caminhar na construção do 1º paradigma.
Lakatos (1999)	Constituir um Programa de Investigação científica	Não	A Gestão Social, apesar de apresentar um esboço inicial de núcleo, heurística negativa e heurística positiva, ainda não apresenta as condições necessárias à constituição de um programa de investigação científica.
Feyerabend (2007)	Não há um critério de demarcação, vale tudo	Sim	Para que o campo avance a contra-indução é recomendada pelo autor.
Chalmers (1993;1994)	Não existe um conceito único de ciência	Sim	A proposta de delimitação do campo da Gestão Social possui uma meta da ciência e tem um bom grau de fertilidade.
Santos (2003)	1ª Ruptura Epistemológica, ou seja, o rompimento com o senso comum constitui a base para a 2ª ruptura, em que a ciência dialoga com o	Sim	A proposta de delimitação do campo da Gestão Social possui as características da 2ª ruptura epistemológica.

Autores	Critério de Demarcação	Resultado	Comentários
	senso comum produzindo um “conhecimento prático esclarecido”, condição fundamental para a emancipação do homem.		
Demo (2007)	Discutibilidade	Sim	A proposta de delimitação do campo da Gestão Social possui discutibilidade, atende aos critérios internos e ao critério externo de cientificidade, além de ter qualidade formal e política.

Fonte: Cançado (2011, p.202-203).

A aproximação teórica proposta só não atendeu aos critérios de Kuhn (1978) e Lakatos (1999), por ainda não se constituir enquanto paradigma/programa de investigação científica.

Acredita-se que o pressuposto foi comprovado, mesmo não tendo atendido a dois critérios de demarcação, na medida em que foram apresentados os fundamentos teóricos da Gestão Social, por meio das Categorias Teóricas identificadas, bem como sua inter-relação. Além disso, a delimitação conceitual atendeu a cinco critérios de demarcação, sendo que atendeu aos dois oriundos das Ciências Sociais [Santos (2003) e Demo (2007)] (CANÇADO, 2011, p.205).

Na seção seguinte será apresentado um resumo do trabalho de Araújo (2012), para posteriormente se passar aos pontos de debate.

(In)consistências da gestão social e seus processos de formação: um campo em construção

A tese “(In)consistências da Gestão Social e seus Processos de Formação: Um Campo em Construção” de Araújo (2012) será exposta em linhas gerais para se compreender em que contexto se deu sua construção e qual a questão central defendida pelo autor.

A tese foi defendida em 2012 no âmbito do Doutorado em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O objetivo geral desta tese é conhecer os elementos que atribuem consistência/inconsistência no conceito de gestão social pelo seu exame nos processos de formação de gestores sociais. Os objetivos específicos são:

1. analisar o alcance do construto gestão social no processo de formação na graduação e pós-graduação;
2. analisar a dinâmica dos processos de formação de gestores sociais, identificando seus conteúdos formativos;
3. identificar possíveis ambiguidades e ambivalências de formulações conceituais e práticas que se manifestam nos processos de formação de gestores sociais (ARAÚJO, 2012, p.24)

Ademais, o trabalho parte de algumas perguntas, a primeira é o problema central da tese: “quais elementos dão consistência/inconsistência à gestão social e como se apresentam no processo de formação de gestores sociais?”. Posteriormente são elencadas outras perguntas: “quais elementos dão consistência/inconsistência à gestão social e como se apresentam no processo de formação de gestores sociais?”, “como se manifestam as ambiguidades e ambivalências nos processos de formação em gestão social?” e “como ocorrem os processos de formação em gestão social e quais seus conteúdos formativos?” (ARAÚJO, 2012, p.24).

O autor então explicita seu propósito com trabalho e esclarece o que chama de ambivalência conceitual na compreensão de Gestão Social ao expor a hipótese de pesquisa que ele utilizou:

A tese aqui defendida é que existem (in)consistências nas plurais concepções de gestão social que são manifestadas nos processos de formação, influenciando discursos e práticas dos gestores sociais, eminentemente voltados para a ampliação do público e defesa dos direitos de cidadania, porém prevalecendo também lógicas e ideologias ambíguas e ambivalentes voltadas para o privado e para a instrumentalidade gerencial. Pode-se ainda afirmar que se ensina o que não se sabe muito bem o que é, confirmando a hipótese da precoce institucionalização da gestão social, tratada como um conceito *in progress*. Considerando esse caráter processual e tal precocidade, vivencia-se ao mesmo tempo ambiguidades (posicionamentos em mais de um sentido e, por consequência, alguns equívocos – “ou/ou”) e ambivalências (permite a experimentação de práticas, conceitos, valores e sentimentos opostos concomitantemente – “e/e”) que são manifestadas nos processos de formação de gestores sociais (ARAÚJO, 2012, p.25).

Porém, o autor alerta, se apoiando em Chizzotti⁴, que “ao delimitar as hipóteses desta tese, variáveis previamente aventadas, não significa que estas limitem ou reduzam a análise qualitativa, podendo as evidências empíricas trazer outros dados e informações em contrário, a serem analisadas”. E ainda, baseado em Demo⁵, “estabelece-se o compromisso com o critério da discutibilidade, fixado não apenas em procedimentos formais, mas, sobretudo, em relação a conteúdos que emergiram nos dados empíricos” (ARAÚJO, 2012, p.25).

A análise realizada na tese é qualitativa, baseada em entrevistas com professores e alunos da graduação e pós-graduação *stricto sensu* de cursos de Gestão Social e de disciplinas ofertadas regularmente em cursos de Administração e Serviço Social. Foram realizadas 31 entrevistas, assim distribuídas: 17 docentes (7 também atuam como coordenadores dos cursos); e 14 discentes (7 da graduação e 7 da pós-graduação). Além disso, foram consultados os seguintes documentos relativos aos cursos: planos de curso, projetos pedagógicos e materiais promocionais. A análise do material coletado foi realizado via Análise de Conteúdo, baseada em Bardin⁶ (ARAÚJO, 2012).

A revisão bibliográfica, dividida em três capítulos, foi realizada “de modo multidisciplinar, utilizando referências das áreas de Serviço Social, Educação, Administração Pública, Gestão Social e Sociologia” (ARAÚJO, 2012, p.31).

⁴ CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000 (Biblioteca da educação. Série 1 – Escola; v.16).

⁵ DEMO, P. Avaliação qualitativa. Polêmicas do Nosso Tempo. 6 ed., Campinas- SP: Autores Associados, 1999. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 25).

⁶ BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

No primeiro Capítulo Araújo (2012) trata da Gestão Social, discutindo sua ascensão e relevância, identificando e comparando diferentes concepções epistemológicas e metodológicas que concebem e fundamentam a gestão social.

No Capítulo seguinte Araújo (2012) analisa a constituição da Gestão Social enquanto campo disciplinar (utilizando a perspectiva de Bourdieu⁷), baseando-se no seu estado da arte.

No último Capítulo da revisão bibliográfica Araújo (2012) se detém sobre os processos de formação de gestores sociais. Os cursos são analisados na perspectiva de sua densidade e caráter inovador, são analisados os componentes curriculares dos cursos e debate-se o perfil dos gestores sociais (egressos dos cursos de Gestão Social).

Araújo (2012) inicia os resultados da pesquisa se apresentando como pesquisador e praticante do campo, portanto: “logo, não há ilusão com uma suposta neutralidade científica [...]”, porém, “[...] se assume compromisso ético-político com a construção de conhecimentos prudentes [na perspectiva de Santos (2004)⁸]” (ARAÚJO, 2012, p.171).

Na primeira parte dos resultados Araújo (2012) se baseia nas entrevistas de docentes e discentes, para discutir suas motivações para trabalhar com a temática da Gestão Social. Os resultados foram agrupados nas seguintes categorias: oportunidades profissionais, migração de tema (reconhecimento), necessidade de *upgrade* na carreira e vocação/identidade.

A segunda parte dos resultados trata das características dos cursos e das práticas pedagógicas adotadas. Segundo Araújo (2012), os cursos têm como características predominantes: testagem de modelos pedagógicos, currículos e atos de currículo inovadores (diferentes dos tradicionais). O corpo docente dos cursos é considerado pelo autor como “bom”, de maneira geral, mas mesmo assim o autor identifica (in)consistências epistemológicas e metodológicas nos processos de formação em Gestão Social.

Na parte seguinte dos resultados, tratam-se dos conceitos e conteúdos da formação em Gestão Social. Para Araújo (2012) as consistências do campo são dadas pelas práticas dos seus atores, mesmo que sejam contraditórias e ambíguas. As ambiguidades encontradas foram: a possibilidade de aceitação da lógica público e privado ou do público ou privado (já que o campo é configurado por organizações e interorganizações híbridas com identidades mutáveis); e a prevalência de conceitos consistentes ou conceitos frágeis e imprecisos (dependendo dos docentes que estejam a frente dos processos de formação).

Na quarta parte, Araújo (2012) se detém sobre a pluralidade conceitual da Gestão Social. O autor perguntou aos entrevistados qual era o conceito/concepção sobre Gestão Social e as agrupou em cinco categorias-síntese: Imprecisão conceitual, Finalidade da gestão, Modo/processo de gerir, Campo de atuação e Conceito em construção (*in progress*). Ainda nesta seção

7 Textos de Pierre Bourdieu citados por Araújo (2012) são: BOURDIEU, P. Os usos sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004 [1997].; BOURDIEU, P. A dissolução do religioso In: BOURDIEU, P, Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.; BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. (Memória e Sociedade); BOURDIEU, P. O campo científico In: BOURDIEU, P. Sociologia. São Paulo, Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

⁸ SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

o autor classificou os entrevistados em relação à unicidade/pluralidade na concepção individual e no campo conceitual da Gestão Social.

Foi possível encontrar entrevistados que tinham uma concepção clara sobre o conceito de gestão social ou possível imprecisão, mas que reconheciam que essa sua compreensão era somente uma das tantas possíveis dentro de um campo razoavelmente plural [9P, 3APG, 2AG, 14 no total]⁹. De modo oposto, foi possível também encontrar situações em que o entrevistado tinha uma clara compreensão do conceito, mas não admitia a pluralidade do campo conceitual [3P, 1APG e 4AG, 8 no total]. Outra situação foi ainda encontrada: entrevistados que possuíam concepções plurais tanto do conceito quanto do campo [5P, 3APG e 1AG, 9 no total] (ARAÚJO, 2012, p.203).

Ao final dos resultados, Araújo (2012) apresenta ambigüidades na produção do conhecimento que impactam na formação do campo da gestão social, relacionadas à sua natureza e fronteiras: endogenia/exogenia, produção institucionalizada/produção útil e criativa, produção disciplinar/produção multi interdisciplinar e conhecimento sobre gestão social/conhecimento em gestão social. Além disso, Araújo (2012, p.220) propõe uma agenda para a formação em Gestão Social com 13 pontos, e destaca que a “maioria das sugestões postas na agenda se relaciona diretamente com a necessidade de desvelar e consolidar o campo da gestão social”.

Quadro 4 - Agenda de prioridades para os processos de formação em gestão social

AGENDA DE PRIORIDADES PARA OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM GESTÃO SOCIAL
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aprofundar diálogos interdisciplinares. 2. Ampliar espaços de trocas de experiências entre professores, alunos e comunidades. 3. Melhorar a associação e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. 4. Amadurecer a discussão sobre a natureza e fronteiras da formação em gestão social (epistemologia e metodologias). 5. Revisar permanentemente os processos de formação e definir parâmetros curriculares mínimos. 6. Ampliar a oferta de disciplinas de gestão social em diferentes cursos com indicações de padrões de conteúdos a serem trabalhados. 7. Estabelecer relações que ampliem a participação democrática de alunos e professores nos processos de construção de conhecimento e formação em gestão social. 8. Diversificar tipos de produção acadêmica e tecnológica. 9. Estimular produção de conhecimento conjunta entre docentes e discentes, discentes e discentes, docentes e docentes dos mesmos cursos em diferentes níveis (graduação e pós-graduação) e entre programas distintos. 10. Criar programas de formação que articulem diferentes níveis (extensão, graduação e pós-graduação)

9 Nesta citação, “P” significa professor, “APG” significa aluno da pós-graduação e “AG” significa aluno da graduação. As quantidades foram retiradas da Figura 12 da página 204.

e modalidades (presencial e a distância) de ensino.

11. Produzir instrumentos específicos da gestão social a partir do processos de formação.

12. Institucionalizar e refinar práticas pedagógicas desenvolvidas nos cursos.

13. Melhorar e propor padrões para os conteúdos das atuais disciplinas de gestão social ofertadas nos cursos.

Fonte: Araújo (2012, p.220).

Nas considerações finais Araújo (2012, p.230, grifos do original) confirma

[...] a tese aqui defendida de que existem (*in*) consistências nas plurais concepções de gestão social que são manifestadas nos processos de formação, influenciando discursos e práticas dos gestores sociais, eminentemente voltados para a ampliação do público e defesa dos direitos de cidadania, porém prevalecendo lógicas e ideologias ambíguas e ambivalentes. Muitas vezes são voltadas para as lógicas do privado e para a instrumentalidade gerencial, caminhando para lógicas de ampliação da esfera pública e de racionalidades substantivas. Pode-se afirmar que sobre o tema gestão social se ensina o que não se sabe muito bem, confirmando a hipótese de quão precoce se deu e vem se dando a institucionalização desse campo. Trata-se de um caminho, ao que indica, felizmente irreversível com caminhantes diversos, no qual '*caminante no hay camino, se hace camino al andar*', como poeticamente ensina António Machado.

Na seção seguinte serão apresentados os pontos a serem debatidos.

Gestão Social: avançando no debate

Os pontos a serem debatidos foram escolhidos por sua relevância. Obviamente existem outros que podem ser explorados em outros trabalhos. Neste texto optou-se por tratar pelos seguintes temas: atual estado da arte da Gestão Social e a questão do paradigma; Gestão Social como campo do conhecimento; Institucionalização da Gestão Social; e endogenia, autorreferencialidade e autocitações.

Araújo (2012) pretende, em seu trabalho, apresentar as consistências e as inconsistências da Gestão Social (considerada como um campo em construção) e de seus processos de formação. Em outras palavras, considera-se *a priori* que o campo da Gestão Social tem inconsistências e está em construção (*in progress*), bem como seus processos de formação. Esta assertiva é amplamente embasada em Boullosa e Schommer (2008; 2009) e Boullosa (2009), que, pode-se dizer, dão uma sustentação importante para o trabalho¹⁰. Talvez tenha faltado um pouco a Araújo (2012) apresentar as consistências do campo, ou, o quanto de "*progress*" já foi realizado. Não que o texto não faça um estado da arte da Gestão Social, ele o faz, mas, de certa

10 Exemplo disso é que a expressão "in progress", retirada de Boullosa (2009) que se refere ao caráter de construção do campo da Gestão Social aparece 14 vezes em Araújo (2012) nas páginas: 25, 74, 75, 81, 92, 99, 118, 128, 200, 201 (2 vezes), 203, 213, 215 e 227. No trabalho de Cançado (2011) a expressão também é citada na página 78.

forma, sempre alertando ao leitor desta perspectiva. Apenas nas Considerações Finais o autor faz uma alusão direta às consistências do campo: “As consistências do campo são dadas pelas práticas dos seus atores, mesmo que muitas vezes se tornem contraditórias e ambíguas” (ARAÚJO, 2012, p.228). Fica então a questão, se a ciência sempre avança, qual o campo não está “*in progress*”?

Ainda nesta discussão, Araújo (2012) classifica a Gestão Social nos paradigmas de Egon Guba¹¹ que trazem as dimensões ontológica, epistemológica e metodológica, como nos paradigmas apresentados por Burrell e Morgan (1979) e Jones (1993) no trabalho de Cançado (2011). Araújo (2012) apresenta a Gestão Social como multiparadigmática em relação à esta classificação. Não se discute aqui a classificação feita (o que pode ser feito em outra ocasião), o que se quer trazer ao debate é uma questão central. Se é possível classificar a Gestão Social em paradigma(s), falar da sua ontologia, epistemologia e metodologia, a ponto de classificá-la, mesmo como multiparadigmática, é porque algum “*progress*” já foi realizado no campo. Em outras palavras, a Gestão Social já tem uma determinada forma, ou algumas características que permitam algum tipo de classificação.

Para Cançado (2011) a Gestão Social não atende ao critério de demarcação de Kuhn (1978), ou seja, ainda não constitui um paradigma em si. Aqui os dois trabalhos convergem, pois para Araújo (2012) “A gestão social está situada entre diferentes axiomas dos paradigmas citados e discutidos até aqui, podendo-se afirmar que está longe de ser reconhecida como um paradigma em si” (p.89) e “(...) ainda não se pode afirmar que a gestão social constitui um paradigma, mas que ela em si é multiparadigmática em sua essência” (p.90). Estas afirmações se alinham com a argumentação presente nas duas teses. Uma diferença é que Cançado (2011) defende que a construção do primeiro paradigma para a Gestão Social não esteja tão “longe” assim.

Complementando o argumento de que já há avanços em relação à Gestão Social, apresentam-se algumas opiniões de Araújo (2012) sobre a Gestão Social: “[...] não creio que se trata de confundir visões, **mas de trazer a gestão social para perto do seu real objetivo no sentido da ampliação da esfera pública e garantia de direitos**” (p.117, grifos nossos), “Pode-se inferir que o social [da Gestão Social] se refere diretamente ao **espaço relacional dos indivíduos na sociedade, na constituição de sujeitos coletivos**” (p.65, grifos nossos) e “Ao ensinar gestão social deve-se praticá-la diretamente, por meio da **dialogicidade** entre professores, alunos e comunidades, tendo como base os **contextos territoriais**” (p.229, grifos nossos).

A gestão social aparece assim como um construto capaz de ampliar o espaço público e retomar ideais do homem público, no sentido daquele que possui uma identidade bem definida de ator público, assim como nos séculos XVII e XVIII, sendo ‘o homem que apresenta emoções’ (SENNETT, 1998, p. 138). Trata-se de uma espécie de arauto buscando incorporar o efetivo papel dos agentes públicos e coletivos com base no fundamento republicano, supondo o predomínio do interesse público na ação, exigindo, além das certezas e permanências, lidar com as subjetividades (SPOSATI, 2005) (ARAÚJO, 2012, p62-63).

11 Em Araújo (2012) a referência a Egon Guba (1990) é citada indiretamente a partir do trabalho de González (2005). Segue a referência de González (2005): GONZÁLEZ, F, Que és un paradigma? Análisis teórico, conceptual y psicolinguístico del término. Investigación y Postgrado, v.20, n. 1, Caracas, Veneuela: Universidad Pedagógica Experimental Libertador, abr. 2005, p 13-54.

Parte-se então para o segundo aspecto a ser discutido. Segundo Araújo (2012, p.81, grifos nossos) “Cançado (2011) afirma que a gestão social **já está consolidada** como campo de conhecimento científico”. Na verdade, o que Cançado (2011, p.203, grifos nossos) expõe em sua tese é que: “De acordo com os resultados apresentados, pode-se dizer que a proposta para a Gestão Social elaborada neste trabalho [tese] se mostra **com bom potencial** para ser considerada como campo do conhecimento científico, pois atende a cinco dos sete critérios apresentados”. Certamente há uma diferença expressiva entre “já está consolidada” e “com bom potencial”. Na melhor das hipóteses, é bastante controverso fazer uma aproximação entre as duas expressões. Porém, este não é ponto central.

Em Cançado (2011) são elencados 7 critérios de demarcação do conhecimento científico, que separam ciência e senso comum, vide Quadro 3: Popper, Lakatos, Kuhn, Feyerabend, Chalmers, Sousa e Demo. Destes 7 critérios de demarcação, dois não foram atendidos, os de Kuhn e Lakatos.

Araújo (2012) alerta que “Este pesquisador [Araújo] parte dos pressupostos teóricos bourdieusianos e propõe um modelo interpretativo com dez dimensões para compreender uma disciplina [...]” (p.101). Assim, “Debatidas as visões reconhecidas como críticas ao curso do atual estágio da gestão, cabe por fim questionar: em qual momento se está na construção desse campo científico e, portanto, disciplinar?” (ARAÚJO, 2012, p.101). Ao final, o autor conclui

Considerando as análises feitas, afirma-se **o quão é precoce atestar que a gestão social é um campo científico disciplinar consolidado**. Isso ocorre principalmente pela quase ausência de oposições e ainda poucos diálogos interdisciplinares mais intensos, bem como havendo falta de interditos. Ao contrário, existem muitas ambivalências e ambiguidades que permeiam o campo conceitual; logo, é mais prudente admitir as múltiplas possibilidades interpretativas para esse campo em construção (ARAÚJO, 2012, p.106-107, grifos nossos).

Nota-se que as duas teses partem de pressupostos teóricos distintos: critério de demarcação (7 autores) e campo disciplinar (Bourdieu). Obviamente não cabe questionar qual é a melhor abordagem, mas certamente isto dificulta comparações sem maiores cuidados.

Ainda dentro desta análise, pode-se perguntar: onde estaria localizado o campo da Gestão Social? Para Cançado (2011) a Gestão Social está dentro do campo da Administração. Para Araújo (2012, p.224), “Como invento pós-moderno, a gestão social nasce a partir da complexidade dos fenômenos sociais, ressonando de modo polissêmico e configurando um campo de saber com tendências interdisciplinares (CAMPOS, 2007b)¹²”. Porém, o mesmo Araújo (2012, p.103), citando Barros (2010, p. 209)¹³, relata que “[não existe] um só campo disciplinar que não seja construído e constantemente reconstruído por diálogos (e oposições) interdisciplinares. Queiram ou não os seus praticantes, toda disciplina está mergulhada na interdisciplinaridade”. Os próprios cursos escolhidos por Araújo (2012) para sua análise apontam para a área de Administração (onde também está inserida a Administração – ou Gestão Pública): Graduação Tecnológica em Gestão Pública e Gestão Social (Ciags/Ufba); Mestrado em Administração Pública (Ebape/FGV – RJ); Graduação em Administração Pública (Gestão Pública e Social - UFC-Cariri); e

12 CAMPOS, G. W. S. Saúde Paidéia. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2007b (Saúde em debate, 150)

13 BARROS, J. D. Contribuição para o estudo dos “campos disciplinares. v. 11, Revista ALPHA. Patos de Minas: UNIPAM, ago. 2010, p.p. 205-216.

Graduação, Mestrado e Doutorado em Administração e Graduação em Administração Pública e Social da UFRGS. Existem dois cursos da área Interdisciplinar: Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social (Ciags/Ufba); Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local (Centro Universitário UMA). Nestes dois nota-se que a Gestão Social aparece como um dos temas, no primeiro ao lado de Desenvolvimento e no segundo, ao lado de Educação e Desenvolvimento Local; o que justifica a escolha da área Interdisciplinar. O único curso que não é de Administração ou Interdisciplinar é o de Graduação, Mestrado e Doutorado em Serviço Social da PUC-SP, “que possui disciplinas e pesquisas específicas sobre gestão social e temas correlatos” (ARAÚJO, 2012, p.27), onde Araújo desenvolveu sua tese. Em relação à produção em Gestão Social analisada nos dois trabalhos, Cançado (2011)¹⁴ e Araújo (2012) a imensa maioria dos trabalhos é oriunda da área de Administração. Cabe ressaltar que a Administração é, por natureza (como ciência social aplicada), um campo multidisciplinar (os primeiros teóricos da Administração eram engenheiros e sociólogos e atualmente os cursos têm disciplinas de filosofia, matemática, sociologia, psicologia, etc.) e muitos dos autores da área não são Administradores de formação, mas atuam em cursos de Administração. Em síntese, o argumento de Cançado (2011) é que a Gestão Social está inserida no campo multidisciplinar da Administração e teria grandes avanços com a perspectiva da interdisciplinariedade. Cabe aqui uma questão para debate em futuros trabalhos: se a Gestão Social não estiver na área da Administração, onde ela estará? Será uma nova área do conhecimento?

O próximo ponto trata do debate sobre a institucionalização da Gestão Social. Araújo (2012), novamente usando como base o trabalho de Boullosa e Schommer (2008; 2009) alerta para a precoce institucionalização do campo da Gestão Social, transformando-o de processo de inovação em produto inovador¹⁵, sendo coerente com a defesa da perspectiva “*in progress*” do campo já discutida.

Cançado (2011) argumenta que não vê problema na institucionalização da Gestão Social, desde que ela não aconteça de forma prescritiva. O argumento de Cançado (2011) está baseado no perigo de banalização do termo e no próprio avanço do campo. Em outras palavras, o processo de institucionalização diminuiria o perigo de banalização. Além disso, o autor vê de maneira positiva a criação de cursos, encontros e periódicos de Gestão Social para ampliar a discussão sobre o tema.

Araújo (2012), por seu turno, alega “[...] que não existe processo de institucionalização que não remeta à prescrição” (p.101).

Quanto à importância da criação dos cursos de gestão social em larga escala, fica a preocupação para que estes não sejam vistos inclusive pelos agentes privados apenas como mais uma possibilidade de mercado, mais um modismo do campo da gestão. Uma saída para isso talvez seja uma maior regulação, que requer uma definição de critérios por parte da comunidade acadêmica.

14 Cançado (2011) fez uma busca pelo termo “Gestão Social” no fim de 2010 sem restrições de data ou de área no site do Scielo (Scientific Electronic Library Online - que possuía à época 750 periódicos de diversas áreas) e encontrou 11 artigos com apenas 3 artigos de revistas de outras áreas.

15 A precoce institucionalização é referida no trabalho por 12 vezes, divididas em duas perspectivas: usando a palavra precocemente (por exemplo: o campo vem se institucionalizando precocemente) nas páginas: 17, 19, 33 e 127; e utilizando a palavra precoce (por exemplo: precoce institucionalização do campo) nas páginas 25, 32, 43, 68, 71, 99, 181 e 230.

Mas, como defini-los se prevalece a múltipla acepção ao termo [...] (ARAÚJO, 2012, p.101).

Na tese de Cançado (2011) o argumento é que a institucionalização do campo deve acontecer a partir de debates como este que está sendo realizado neste artigo e que acontece nos ENAPEGS e Colóquios de Poder Local, por exemplo. Esta indicação da institucionalização progressiva do campo fica reforçada, inclusive, com a elaboração das duas teses - Cançado (2011) e Araujo (2012), pois são dois trabalhos robustos que, definitivamente, contribuem para a construção do campo. Obviamente, com o acúmulo da produção e dos debates ao longo dos anos haverá mais progresso e uma melhor precisão conceitual, a qual, de certa forma irá consolidar a institucionalização do campo da Gestão Social.

Quanto a esta institucionalização ser ou não “precoce”, o que pode se dizer é que a noção de “tempo” atualmente é outra, com certeza mais rápida. Por um lado, existe uma urgência da academia em praticamente todas as áreas, e aqui não se quer criar juízo de valor sobre isto (se é bom ou ruim, certamente é bom e ruim sob diversos aspectos), apenas se quer constatar o que vem acontecendo. Por outro lado, este campo já está em construção há certo tempo e a própria sociedade “cobra” da academia avanços neste sentido. Talvez o *learning by doing* discutido por Araújo (2012) seja uma das características deste campo. A outra opção seria realizar uma “institucionalização na hora certa” (que hora seria esta?, ou quem guarda os guardiões?), realizando muitas pesquisas e avançando bastante no tema (quando já seria o bastante?) e só depois criar cursos sobre o tema, perdendo talvez neste tempo, o importante contato entre professores e alunos (muitas vezes praticantes) e abrindo mão de possíveis comunidades de prática. Neste aspecto, defende-se aqui que a institucionalização, mesmo que seja considerada precoce, é mais desejável que uma espera por uma pretensa maturidade do campo.

O último aspecto a ser tratado aqui está relacionado à endogenia, autorreferencialidade e autocitações nas produções acadêmicas dos pesquisadores de Gestão Social. Araujo (2012) argumenta que:

Pelas falas percebe-se que é preciso fazer escolhas no que diz respeito a produção do conhecimento pautada na **endogenia ou exogenia**. Os escritos são de um grupo para o mesmo grupo, na maioria das vezes, havendo constante repetição e pouco avanço qualitativo e crítico no conhecimento produzido e difundido, sendo urgente a expansão de diálogos com outros saberes e outros tipos de organizações produtoras de conhecimentos, como as ONGs, *think thanks*, órgãos públicos etc. (ARAÚJO, 2012, p.218, grifos do original).

Este é fato presente na produção do conhecimento científico de modo geral e com a Gestão Social não seria diferente. Tanto Cançado (2011) quanto Araújo (2012) fazem autoreferências, porém, nos dois trabalhos existe uma gama ampla de literatura incorporada na discussão. A percepção aqui apresentada é a que isto tem ocorrido com parte dos trabalhos mais recentes da área.

Ainda neste ponto é importante esclarecer que, quando se escolhe uma linha de pesquisa, os avanços acontecem aos poucos e muitas vezes é necessário buscar em trabalhos próprios o que já foi construído em termos de avanço, desta forma a autorreferência pode demonstrar continuidade no trabalho e não mera repetição ou reafirmação.

Ademais, já se nota uma evolução em relação a estas questões com a própria ampliação dos pesquisadores, cursos e grupos de pesquisas em Gestão Social

a cada ano. Por mais que existam pesquisadores mais experientes e em instituições mais tradicionais, a ampla gama de pesquisadores que participa diretamente de Rede Brasileira de Pesquisadores em Gestão Social - RGS e publica nos ENAPEGS, há muito tempo se espalhou pelo país. Para se ter um exemplo claro disso as duas teses analisadas aqui foram elaboradas por professores de universidades “novas”: a Universidade Federal do Tocantins – UFT e a Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB. O que pode começar a surgir são algumas linhas de entendimento, ou mesmo correntes, que são perfeitamente desejáveis para evolução do campo. Com esta descentralização do estudo sobre o tema, hoje não é mais possível um grupo de pesquisa ou um pesquisador monopolizar, impor ou determinar o que vem a ser Gestão Social.

Finalizada esta análise crítica das duas teses, será apresentada, na seção seguinte, uma proposta de uma agenda de pesquisa para a Gestão Social.

Considerações acerca de uma agenda de pesquisa para a Gestão Social

Não há dúvida que as duas teses são importantes para o avanço do campo e concorda-se com o que escreve Araújo (2012) em sua tese, que

Embora a diversidade do campo seja grande, convive-se de certo modo bem e de modo colaborativo. Isso permite que membros de uma mesma rede, de uma comunidade de prática formada, principalmente, por laços afetivos e de reconhecimentos pessoais e profissionais, consigam defender teses num período próximo (menos de seis meses) sobre os mesmos objetos, tendo concepções distintas e/ou antagônicas, por vezes, complementares. Isso ocorre com relação às idéias defendidas nesta tese e às de Cançado (2011) (ARAÚJO, 2012, p.229).

É importante destacar que estes pontos de discussão têm o propósito de elucidar algumas questões levantadas nos dois trabalhos. Obviamente, as questões não foram discutidas aqui à exaustão e não foram discutidos todos os pontos necessários para que ocorra a construção e consolidação de um campo do conhecimento. Entretanto, acredita-se que neste texto se deu continuidade ao debate e se pode contribuir um pouco mais para a afirmação do campo da Gestão Social.

Para o delineamento de uma agenda de pesquisa para a Gestão Social, pode-se partir dos próprios pontos elencados para o debate neste texto, em uma perspectiva de aprofundamento da discussão. As duas teses e a discussão gerada a partir delas apresentam elementos interessantes que abrem diversas perspectivas para novas pesquisas na área.

Um caminho é buscar experiências práticas onde existe possibilidade de se constatar traços de Gestão Social de forma a entender como a ela pode ser identificada ou mesmo “construída”. Neste sentido, os Conselhos Gestores de Políticas Públicas e as experiências de Orçamento Participativo podem ser interessantes objetos de pesquisa para o campo. A perspectiva do território, priorizada pelo governo (como os programas Territórios Rurais e Territórios da Cidadania) também abre um leque de opções para objetos empíricos de pesquisa. A ação dos gestores sociais formados nos cursos também pode trazer informações relevantes tanto para o aprimoramento da própria formação,

quanto do próprio campo em si. O *learning by doing* aliado à metodologias embasadas na *grounded theory* também podem se apresentar como possibilidades promissoras neste aspecto. Fica aqui um convite à comunidade acadêmica e em especial à RGS para enriquecer o debate.

Referências

- ARAÚJO, Edigilson Tavares de. **(In)consistências da gestão social e seus processos de formação: um campo em construção.** 2012. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4. ed. revista e atualizada. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2009, 282p.
- BOULLOSA, R. de F. *et al.* Avaliação participativa de práticas de ensino que vinculam intervenção e pesquisa em programas de formação em gestão social. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, 3., 2009, Juazeiro. **Anais...** Juazeiro: NIGS/UNIVASF, 2009. 1 CD-ROM.
- BOULLOSA, R. de F.; SCHOMMER, P. C. Gestão social: caso de inovação em políticas públicas ou mais um enigma de lamedusa? In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, 3., 2009, Juazeiro. **Anais...** Juazeiro: NIGS/UNIVASF, 2009. 1 CD-ROM.
- BOULLOSA, R. de F.; SCHOMMER, P. C. Limites da natureza da inovação ou qual o futuro da gestão social? In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008. 1 CD-ROM.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis: elements of sociology of corporate life.** Aldershot: Ashgate, 1979. 432 p.
- CANÇADO, A. C. Fundamentos teóricos da gestão social. 2011. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011.
- CHALMERS, Alan F. **A fabricação da ciência.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: UNESP, 1994, 188p. (Coleção biblioteca Básica)
- CHALMERS, Alan F. **O que é ciência afinal?** Tradução Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica nas ciências sociais.** 3. ed. rev. e amp. – 11 reimpr. São Paulo: Atlas, 2007. 294p.
- FEYERABEND, Paul K. **Contra o método.** Tradução: Cezar Augusto Morari. São Paulo: UNESP, 2007, 376p.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- JONES, P. **Studying society: sociological theories and research practices.** London: Collins Educational, 1993. 182 p.
- LAKATOS, Imre. **Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica.** Tradução de Emília Picado Tavares Marinho Mendes. Edições 70, 1999, 208p. (Biblioteca de Filosofia Contemporânea 28)
- POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica.** Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2007, 568p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007, 334p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003,

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa na administração**. São Paulo: Atlas, 2005, 287p.